



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**FESTA DE SANTO: aspectos Folkcomunicacional presente na festa a São José Operário, na comunidade quilombola de Boa Vista (Oriximiná-Pará)<sup>1</sup>**

Elaine Cristina O. F. Archanjo<sup>2</sup>

Renilda Aparecida da Costa<sup>3</sup>

Allam Soljenitsin Bareto rodrigues<sup>4</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

**Resumo**

O presente artigo versa sobre a Festa de São José Operário e seus processos comunicacionais, na comunidade quilombola de Boa Vista município de Oriximiná/PÁ. O estudo buscou compreender os aspectos Folkcomunicacionais na festa de São José, na comunidade quilombola de Boa Vista, evidenciando a festa como momento privilegiado onde se recria e reafirma a identidade quilombola dos moradores dessa comunidade. Para tanto faz-se necessário que se estabeleça uma relação teórica e metodológica interdisciplinar entre a História Oral e a Folkcomunicação a partir da perspectiva de Luís Beltrão (1980). A festividade do padroeiro da comunidade é o momento mais esperado do ano, acontece no último final de semana do mês de novembro, transformando-se em momento de fé e lazer, em que os moradores fortalecem seus laços familiares e comunitários, possibilitando a aproximação de vários grupos sociais.

**Palavras chave:** Festa de Santo; comunidade quilombola; Folkcomunicação.

**Introdução**

O presente estudo desenrolou-se a partir das indagações sobre a inter-relação entre cultura e processos Folkcomunicacionais a partir das dimensões religiosas da comunidade quilombola de Boa Vista, no município de Oriximiná. Apenar de estarmos em uma sociedade marcada por um processo exacerbado de padronização de comportamentos e modos de vida, não se pode ignorar processos de valorização, reconhecimento e transmissão da diversidade cultural existente no Brasil por grupos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Expressões da folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM. [elaine\\_archanjo@hotmail.com](mailto:elaine_archanjo@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professora do programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM. Orientadora do trabalho. [renildaparecidacosta@gmail.com](mailto:renildaparecidacosta@gmail.com).

<sup>4</sup> Professor do programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM. [Allan30@gmail.com](mailto:Allan30@gmail.com).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

sociais que estão à margem e “invisíveis” aos meios de comunicação de massa, mas que acionam outros meios de comunicação mais rústicos presente em suas manifestações culturais, principalmente nas religiosidade popular, como a de São José Operário padroeira da comunidade quilombola de Boa vista, município de Oriximiná.

Para Williams (1979, p.23), a cultura “é um processo social, fundamental que modela ‘modos de vida’ específicos e distintos”, designando significados comuns a um grupo social que entrelaça todas suas práticas sociais, abrangendo seu modo de fazer, de saber, de se expressar, de dançar, rezar e se comunicar. Nas manifestações religiosas em comunidades tradicionais, como a comunidade quilombola de Boa Vista, torna-se visível a relação entre cultura e comunicação, elemento presente na relação homem-sociedade necessário para a construção e transmissão das representações simbólicas e visão de mundo.

A comunidade de Boa Vista é uma comunidade negra rural localizada à margem direita do rio Trombetas. O rio Trombetas é o maior na extensa malha hidroviária do município de Oriximiná localiza-se no Oeste do Pará, na mesorregião do Baixo Amazonas<sup>5</sup>. Atualmente, segundo o coordenador da comunidade, Silvio Rocha, de 46 anos de idade, estima-se a população de Boa Vista em “torno de umas 200 famílias”. A grande maioria dos moradores da comunidade professa a fé católica, contando com poucos evangélicos.

A história de sua origem e formação tem como referência a chegada do casal de escravos<sup>6</sup> Antônio Honório dos Santos e Maria José Conceição, avós maternos do sr. José dos Santos e dona Marina dos Santos, que, resistindo às dimensões sociais amplas

---

<sup>5</sup> O território é atualmente composto por doze municípios: Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha, Santarém e Terra Santa (SIT, 2014).

<sup>6</sup> Conforme levantamento bibliográfico (SALLES, 1971; FUNES, 1995; MARIN e CASTRO, 1998; GOMES, 2005), a introdução, em grande escala, de africanos na Amazônia brasileira ocorreu a partir da segunda metade do século XVIII. Nesse período, contatamos maior inserção de contingentes de escravos africanos no Grão-Pará e sua intensificação dá-se em meio ao contexto das medidas pombalinas, para promover a restauração econômica de Portugal. Para viabilizar essa recuperação foram criadas as Companhias de Comércio. Nesse contexto, a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão surge da iniciativa do seu então governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1754, para facilitar o abastecimento de mão de obra africana na região, propiciando contatos diretos com os portos africanos. Na Região do Baixo Amazonas, o aumento do número de escravos está diretamente ligado ao crescimento econômico, provindo do desenvolvimento da lavoura cacaueteira. Dessa forma, observa-se, no século XIX, um aumento considerável da população negra na Província do Grão-Pará, distribuída na capital, regiões circunvizinhas e em regiões mais afastadas, como o Baixo Amazonas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

da escravidão, construíram sua liberdade nas matas do rio Trombetas, formando o quilombo Boa Vista.

Uma história narrada timidamente e, até mesmo, desconhecida por muitos, ganha visibilidade em torno de articulações sociais e práticas políticas pela promulgação da Constituição de 1988, iniciando-se na comunidade movimentos de resgate daquele patrimônio, por compreenderem os quilombolas a importância das lutas no campo da memória para o seu reconhecimento como “remanescente de quilombo”.

É importante ressaltar que os quilombolas de Boa Vista foram pioneiros na luta por reconhecimento étnico e territorial, garantidos na Constituição, alcançando, em 1995, a condição de primeira comunidade “Remanescente de Quilombo” titulada no Brasil.

Nesse cenário de luta pela titulação de suas terras, as memórias desse passado quilombola foram trabalhadas reforçando a importância de suas manifestações culturais e religiosas, como as danças, brincadeiras e as festas de santo. Memórias de resistência que revalorizam experiências sabidas e preservadas por relações históricas que se forjaram sem recurso à comprovação por documentos oficiais escritos.

Nesse sentido, o presente artigo buscou, compreender os aspectos Folkcomunicacionais na festa de São José, na comunidade quilombola de Boa Vista, evidenciando a festa como momento privilegiado onde se recria e reafirma a identidade quilombola dos moradores dessa comunidade.

Para compreensão do objeto de estudo faz-se necessário que se estabeleça uma relação teórica e metodológica interdisciplinar entre a História Oral e a Folkcomunicação. A Folkcomunicação, como uma teoria, a partir das contribuições de Luiz Beltrão (1980), permite o estudo dos processos comunicacionais de grupos socialmente marginalizados que criam e recriam estratégias de comunicação para transmitir seus valores, conhecimentos, sentimentos, sua história. Os estudos Folkcomunicacionais ainda favorecem a análise interpretação e dos contextos onde manifestações culturais populares ocorrem, a comunidade Folk, assim como os seus agentes comunicadores de folk.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

A História Oral, metodologia de caráter interdisciplinar por excelência, possibilita conhecer as múltiplas histórias, memórias, vozes de homens e mulheres negros quilombolas que ao longo da história foram silenciados e deixados à margem da sociedade. Para orientações metodológicas, Alessandro Portelli (1997, p. 15) afirma que, a história oral diz respeito “a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada um”, revelando os significados e interpretações dos processos sociais e culturais vivenciados.

A entrevista como instrumento privilegiado de coleta de dados caracteriza-se, na acepção de Alessandro Portelli (1997), um momento de diálogo, buscando-se aproximação de destinos pelo compartilhamento de trajetórias de vida entre narradores e pesquisadora, momento importante em que se estabelecem confianças e solidariedades comuns.

Os entrevistados foram escolhidos entre os “Líderes de opinião”, característico da abordagem da Folkcomunicação, e pessoas que participam ativamente da festa do padroeiro São José, na comunidade de Boa Vista. A identificação dos “Líderes de opinião” como agente comunicador no processo de Folkcomunicação é fundamental para desenvolvimento da pesquisa, pois estes são os transmissores das memórias e dos saberes. São membros da comunidade que concentram as informações, interpretando-as e repassando-as de acordo com a lógica do grupo e da maneira apropriada a sua comunidade (BELTRAO, 1980).

As narrativas orais apresentam-se, neste estudo, como principal fonte, privilegiando-as como meio de apreender como os sujeitos interpretam os processos sociais por eles vivenciados. Assim, concordamos com Khoury, quando a autora afirma que “o trabalho com as fontes orais é um encontro entre pessoas dispostas a dialogar sobre questões que interessam a ambas, embora de maneiras diferentes” (KHOURY, 2006, p. 43). Em suas falas, homens e mulheres da comunidade de Boa Vista, expõem suas experiências e os significados que atribuem ao passado, evidenciando processos folkcomunicacionais próprios do grupo no presente.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Nessa direção, é relevante frisar que a memória é uma construção social e ativa, sujeita a transformações e reelaborações tanto no âmbito individual quanto no coletivo, mas como nos ensina Pollak (1992, p. 201) “devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. O que nos permite dialogar com as versões pessoais narradas a partir da memória de homens e mulheres quilombolas, revelando a existências de outras histórias e seus múltiplos pontos de vista e de interpretações.

As recordações dos quilombolas de Boa Vista são construídas hoje, também pelas lembranças vividas, contadas e herdadas de seus avós, quando referenciam para experiências das festas dos antigos mocambos/quilombos, ou quando os mais velhos falam do tempo em que eram jovens e “a festa de São José não era assim”. Disputando o seu próprio lugar no território da memória, estabelecendo processos de folkcomunicação para assegurar a reprodução de suas marcas identitárias.

### **A Folkcomunicação e a festa de São José, padroeiro de Boa Vista**

Para Beltrão (2004, p. 49), “a folkcomunicação caracteriza pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”. O processo de comunicação existentes, nos alerta o autor, ocorria de formas diferenciadas nos grupos social alijados dos espaços da grande mídia. Grupos que a partir de sua cultura embelezavam formas de comunicar seus sentimentos, valores, modos de ser e fazer por meio da oralidade, da dança, a festa, da religiosidade, valorizando as formas de comunicação por meio das manifestações da cultura popular difundidas por comunidades urbana ou rurais.

As festas e cultos aos santos católicos são práticas comuns na Amazônia. Estas manifestações religiosas expressam as crenças e os modos de vida do grupo social que a realiza, rompendo com o ordinário. Assim a festa de santo “descortina o imaginário do morador da localidade, a partir das representações cotidianas transportadas para os momentos festivos como não-formais e não-cotidianos” (FIGUEIREDO, 1999, p.121), rompendo com a cansativa jornada de trabalho que para a maioria dos moradores da comunidade quilombola de Boa Vista se inicia às 5:00hs da manhã.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Festas marcam a alegria do cotidiano da comunidade, como a festa do seu padroeiro São José, realizada no mês de novembro. As comemorações pelo padroeiro transformam-se em momento de lazer, em que os moradores fortalecem seus laços familiares e comunitários, onde os conflitos são abrandados possibilitando a aproximação de vários grupos sociais, propiciando processos de intercâmbio de informações. Além de ser um momento privilegiado de afirmação da identidade do grupo, mesmo ligado ao campo religioso ultrapassa o campo religioso, a festa de São José é portadora de uma herança histórica e cultural. A mudança na rotina cotidiana da comunidade e que geram processos comunicacionais, operam intercâmbios de informações e produzem mensagens coletivas, as quais dão sentido, por meio de celebrações associadas às dualidades do mundo real da vida e o mundo ficcional do imaginário simbólico (TRIGUEIRO 2005).

A preparação do lugar e a realização da festa remetem-nos as reflexões de Durkheim (1996) quando o autor compreende a festa como tempo particular e distinto em relação ao cotidiano, tendo a capacidade de fazer com que as pessoas deixem seus trabalhos, sua rotina diária para se dedicarem aos preparativos na mesma.

Os dias que precedem a festa são marcados por movimento de grande organização. O mutirão de limpeza transforma-se em espaço de sociabilidade, um encontro de famílias, reforçando os valores, os laços de afetividade e também de compadrio, torna-se ali um espaço de lazer, onde as crianças e jovens brincam e também ajudam.

As celebrações religiosas sempre tiveram e ainda têm muita importância no Brasil: em Boa Vista não é diferente, é o momento mais esperado do ano, revelando um sentimento que, mesmo diante das dificuldades cotidianas, une a comunidade em torno dessas celebrações. Rompendo com a normalidade, as festas proporcionam o encontro de um povo, oportunizando momentos de comunicação e atualização da história e memória. A festa de São José, sob a perspectiva folkcomunacional de Luiz Beltrão (1980), é um meio em que os indivíduos comunicam sua cultura, sua crença, seu modo de vida.

Sobre a programação da festa, observa Silvio:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Olha, nós temos uma programação aí que vai ter o círio fluvial, né, é às 18:00 horas e depois segue em procissão até na igreja, tem a celebração da missa e vai ter algumas apresentações, bingos essas coisas assim. Vai ter uma noite cultural, onde as pessoas vão apresentar suas [danças] de histórias, essas coisas toda e isso vai ser no dia 29, então a partir de uma da manhã encerra tudo. É a parte religiosa essa. E dia 30 vai ter a festa dançante, já pra que não seja misturado [com] a questão religiosa (Silvio Rocha, 46 anos, coordenador da comunidade de Boa Vista, Alto Trombetas, em 29 out. 2013).

A narrativa de Silvio destaca, além da programação da festa, seu aspecto ritual, a cerimônia religiosa que se inicia com o círio fluvial, seguido da celebração da missa na igreja. O ritual religioso do festejo evidencia a forma como a comunidade organiza sua forma de rezar, cantar e festejar seu santo padroeiro, além de apresentar-se como elo entre Deus e os participantes da festa, e esse rito possui uma ordenação que não muda. A ação ritual “renova o processo do advento da ordem e, implicitamente, caracteriza o sagrado como garantia da própria ordem” (MASSENZIO, 2005, p. 134).

A adoção de São José como padroeiro da comunidade de Boa Vista ocorreu na década de 1980, quando a igreja católica, por meio dos padres verbitas<sup>7</sup>, se fez mais presente na região do rio Trombetas, organizando a população negra em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), como forma de enfrentamento dos agentes expropriadores (Mineração Rio do Norte, Alcoa, Eletronorte) que ameaçavam suas terras (ARCHANJO, 2015).

Entretanto, vale ressaltar que, a devoção a São José antecede esse período (1980). Dona Marina dos Santos, filha de José dos Santos, relata que São José Operário protegeu seu pai de muitos perigos: “ele andou fugido no mato, bebeu muita água suja para se livrar da guerra e se apegou muito com São José”. No relato percebe-se a referência a uma promessa de se livrar do recrutamento para uma guerra: a revolução constitucionalista de 1932, quando Óbidos, Oriximiná (na época distrito de Óbidos) e

---

<sup>7</sup> A Congregação do Verbo Divino chega à região do Baixo Amazonas no dia 26 de Janeiro de 1980. Chegam a Santarém-Pará os padres Francisco Kom, José Gross e Patrício Brennan. Depois, em 17 de março, do mesmo ano, chegaram os padres João Mors e João Adolfo Barendse para somar forças ao trabalho missionário. Disponível em: <http://svdcuria.org/public/infonews/provinces/20nn/200n/05mmbra.htm>. Acesso em: 21 mar. 2015.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

outras cidades do Baixo Amazonas<sup>8</sup> declaram-se aliados dos constitucionalistas de São Paulo, dando início ao movimento armado (PINTO, 2012), denominado pelos negros do Trombetas como “Guerra do Pompa”<sup>9</sup>.

José dos Santos foi um dos que fugiram para não ser capturado e, como disse sua filha, ele: “se apegou muito com São José”. O santo protegeu-o nas matas do Trombetas e a partir desse evento cria-se uma relação constante entre o devoto e o seu santo protetor, este realiza o pedido do devoto, enquanto aquele oferece suas orações, caminhadas ou, anualmente, realizam festas para homenageá-lo pelo pedido alcançado (GALVÃO, 1976).

Em 1935, seu José dos Santos casa-se com Francisca de Paula dos Santos, filha de Antônio Honório dos Santos (já falecido) fundador do mocambo Boa Vista, mudando-se para a localidade de sua esposa e levando consigo a devoção a São José, tornando-se este o protetor da família que se formava e, com a criação da comunidade de Boa Vista, o santo também se torna o seu padroeiro.

A escolha de um santo padroeiro, segundo Maués (1995), pode estar ligada à figura e ao prestígio de um líder ou da riqueza que uma determinada família possui. No caso de Boa Vista, José dos Santos, após o casamento, assumiu o papel de líder da localidade que, na época, se constituía de oito famílias, todos descendentes de Antônio Honório dos Santos, o fundador do mocambo Boa Vista. A família Santos constitui o eixo central do povoado e no entorno dessa família se dariam muitas das interações sociais, culturais, religiosas e políticas do povoamento de Boa Vista.

É relevante enfatizar que, a data para realização da festa, hoje, não é reconhecida pela igreja católica. O santo era festejado em Março e não em novembro. Segundo relato dos moradores, a escolha deste mês deu-se após a titulação da

---

<sup>8</sup> A extensão da Revolta Constitucionalista de 1932 deflagrada em São Paulo e expandida para Óbidos, Juruti, Santarém, Oriximiná e Belém, no Pará, assim como eventos pontuais em Manaus e Itacoatiara, no Amazonas. Os revoltosos de Óbidos enfrentaram o Major Magalhães Barata, interventor federal do Estado do Pará e principal liderança tenentista da região norte, que havia chegado ao poder com a revolução de 1930 que leva ao poder Getúlio Vargas (PINTO, 2012).

<sup>9</sup> Coronel Athenógenes Pompa de Oliveira comandante das tropas constitucionalistas de norte. De acordo com a memória social dos negros do Trombetas, houve um recrutamento forçado dos homens dessa região para lutarem no movimento rebelde. O exército rebelde liderado pelo Coronel Pompa adentrava os rios e lagos da região do Trombetas a procura de homens que lutassem e, em caso de recusa, eram espancados, amarrados e levados à força para o quartel do 4º Grupo Artilharia de Costa, na cidade Óbidos, oeste do Estado do Pará. Os homens fugiam para a mata ficando lá por semanas e até meses sem retornarem às suas casas, deixando para trás mulheres e crianças.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

comunidade, em 20 de novembro de 1995, ficando este dia escolhido para festejar o título da terra e seu padroeiro.

Entretanto, a partir do ano de 2003, houve novamente uma mudança. O dia 20 de novembro transformou-se em dia dedicado a Consciência Negra<sup>10</sup>, ocorrendo, nesta data, eventos promovidos pela Associação das comunidades Remanescente de quilombo do Município de Oriximiná-ARQMO que mobilizam as comunidades quilombolas do município de Oriximiná, restringindo a participação de muitos quilombolas nas festividades de Boa Vista. Atualmente, o cívrio de São José é realizado no último final de semana de novembro.

O santo sai em cortejo pelo rio Trombetas, então repleto de barquinhas iluminadas, com uma vela cada uma, indicando o caminho ao comandante da embarcação, criando um lençol de pontos luminosos. As barquinhas soltas no rio são confeccionadas pelos alunos e professores da escola da comunidade. O evento acontece às 18:00, quando um barco ornamentado que conduz o santo vai a frente do cortejo, seguido por outros barcos, canoas, lanças e rabetas (canoas motorizadas) até Boa Vista. Depois, ele segue em procissão até a igreja, ocasião em que muitos devotos pagam suas promessas, e pessoas vindas de outras comunidades, esperam a chegada de São José e a celebração da missa.

Além da celebração religiosa, a festividade de São José também é regada à comida e à bebida. Os pratos típicos da região são preparados pelas mulheres para serem vendidos nas barracas construídas para esse fim; quanto à bebida, a cerveja e o refrigerante são comercializados no bar que funciona no centro comunitário, sem falar na música que alegra o ambiente, demarcando o espaço do sagrado e do profano da festa. Para Eliade (1992, p. 31), a primeira definição de sagrado é o que se opõe ao profano. O Sagrado é “o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade”, sendo o profano inferior, efêmero e dependente do sagrado para sua existência.

---

<sup>10</sup> A Lei Federal nº 10.639/2003, em seu artigo 79-B assegura a inclusão do dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’ no calendário escolar.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

O círio é também a “noite cultural”, quando “as pessoas vão apresentar suas [danças] de histórias”. Mas, a festa dançante com conjunto musical, patrocinados pela Mineração Rio do Norte, acontece no dia seguinte “pra que não seja misturado [com] a questão religiosa”, informa Silvio Rocha. Ou seja, as “danças de história” (Carimbó, Desfeiteira e Catisirigandô) apresentadas na noite do círio, na mentalidade dos moradores, fazem parte do momento religioso da festividade, portanto, “sagrado”. A festa dançante, torneio de futebol, assim como toda programação do arraial (bingo, leilão, venda de comida e bebidas) constitui o momento “profano”.

Conforme estudos do renomado antropólogo Raymundo Maués (2011, p, 8), no catolicismo popular, o “sagrado” e “profano”, apesar de separados, no entendimento popular, “não estão em oposição, durante a festa religiosa, mas são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize o primeiro”. Ainda segundo esse autor, todos os elementos correspondentes ao momento profano, no âmbito do festejo do santo, “guardam também alguma coisa de sagrado” (Idem).

A festa é vista como espaço de múltiplas expressões, possibilitando inúmeras reflexões e interpretações. Sendo esta o lugar da tradição e da permanência, onde reaparecem os deuses e mitos, sendo reinterpretados de acordo com o tempo e espaço em que são evocados. A realização da festa de São José, na comunidade quilombola de Boa Vista, fortalece a história e a memória local, além que apresentar fortes e significativos elementos comunicacionais, assegurando a reprodução de suas marcas identitárias desse grupo socialmente marginalizado. Para que a ocorra a transmissão da memória, história, fazeres e saberes para as gerações futuras é necessário o estabelecimento de um processo ativo e dinâmico folkcomunicacional.

**“Depois da missa tem dança”: Catisirigandô sob a perspectiva da Folkcomunicação**

Sobre dimensões sociais, cultural e dos processos folkcomunicacionais do círio de São José, é preciso lembrar que “depois da missa tem dança” como narrado por Dona Marina. Na comunidade encontramos o “Grupo Folclórico A Força do Negro” formado por moradores de Boa Vista, sobretudo mulheres. Este grupo folclórico é responsável



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

pelas “danças tradicionais da comunidade”, a Desfeiteira<sup>11</sup>, o Carimbó<sup>12</sup> e, com presença mais marcante da dança Catisirigandô.

Segundo os integrantes do grupo de dança, Catisirigandô é uma junção de Quatipuru (espécie de macaco) e sirigandô (lundu). Catisirigandô foi “criado” na década de 1990, por Dona Zuleide dos Santos, em meio às exigências para a titulação da terra, objetivando reforçar sua etnicidade e reestabelecer os laços com sua história, cultura e tradição, e, dessa maneira, reafirmar sua antiguidade no território, seu modo de vida, suas manifestações culturais e a história social do grupo.

Dona Zuleide é a principal comunicadora de Folk da comunidade quilombola de Boa Vista. É uma líder de opinião segundo características apontadas nos estudos de Beltrão (1980). Seu prestígio e credibilidade vem do conhecimento que ela tem sobre as manifestações culturais e religiosas dos quilombolas e da forma como transmite tal conhecimento para a comunidade e a todos que a procuram quando querem conhecer a cultura do local.

Porém, conta-nos Dona Zuleide, a primeira festa de “cultura” na comunidade foi motivo de críticas de muitos moradores que não conheciam, ou, simplesmente, não queriam uma festa com instrumentos “dos antigos” de ‘pau e corda’. Queriam festa com banda, com caixa de música, assim “não saiu como a gente queria, mas a parte da cultura mesmo eles gostaram”, essa foi a primeira apresentação do Catisirigandô e, desde então, transformou-se na mais importante expressão cultural da comunidade de Boa Vista.

A dança foi montada a partir da história das velhas da “casa grande”, Catarina, Luzia e seu macaco de estimação, as escravas, mais acima mencionadas, que fogem para o rio Trombetas, acima da Porteira, para o lugar chamado Turuna. Sobre história

---

<sup>11</sup> De acordo com moradores de Boa Vista, a desfeiteira é uma dança de pares enlaçados que circulam livremente pelo salão. A única obrigatoriedade é passar, cada par de cada vez, diante do conjunto musical. Aquele que coincidir estar na frente da banda passará por uma prova: o músico-chefe escolhe a dama ou o cavalheiro para declamar versos. Quem não conseguir é vaiado por todos e, por esta desfeita, paga uma prenda, ficando assim desfeiteado.

<sup>12</sup> O carimbó, gênero de música e dança popular da região Norte do Brasil, tem origem no sincretismo entre as culturas indígena, africana e ibérica. Sabe-se que a música e a dança de carimbó representavam a relação com o trabalho e a desigualdade social. O nome deriva do instrumento de percussão indígena, principal artefato para a realização dos encontros em terreiros, o curimbó, feito de tronco de madeira e pele de animal, sendo um marco simbólico desta manifestação popular, caracterizada por sua função comunicacional e vinculativa em torno dos rituais religiosos, festas populares e reuniões sociais (SALLES e SALLES, 1969).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

que ouviu de sua avó materna, Laureana Colé Livramento, a qual nascera no Turuna, em 1882, observa Zuleide que:

(...) contava que esta dança era de origem daqueles negros que fugiram e se acamparam nas cachoeiras do Campixe e do Turuna, até que ouviram dizer que os negros já podiam sair desses lugares de fuga [referindo-se aos quilombos]. Foi então que a família de Laureana Colé Livramento desceram e acamparam na área da Tapagem, onde formaram um santuário chamado Oratório, que colocaram a imagem da Santíssima Trindade (Zuleide Viana dos Santos, 58 anos, comunidade de Boa Vista, Alto Trombetas, em 29 out. 2013).

No lugar chamado Trindade moravam treze irmãs numa casa bem grande. Elas viviam da agricultura e vendiam seus produtos em Óbidos e Oriximiná. Entre as escravas fugidas, Catarina e Luzia, personagens da dança de Dona Zuleide, era a primeira dotada de visões com que alertava os quilombolas para o que estes chamavam de pega-pega<sup>13</sup>. De acordo com Dona Zuleide, a Luzia tinha o dom de atrair os animais e conversar com as plantas, e tinha um macaco chamado Quatipuru. Catarina, além da adivinhação, tinha o poder da cura e da benzeção, em tempo de festa benzia e “limpava”, jogando “banho de erva cheirosa” no local da festa. Tal ritual de purificação objetivava afastar os maus fluidos, assegurando a proteção de todos os participantes, assim como proteger o quilombo de ataques dos brancos.

A dança, conforme nos informa Dona Zuleide, pretende mostrar como “os antigos faziam festa no mocambo, festas de santo, de promessa e depois da reza dançavam o lundu, mas elas não chamavam de lundu, “as velhas da casa grande chamavam de Sirigandô. É por isso que essa dança é Catisirigandô”. A dança é considerada, neste estudo, forte e significativo elemento folkcomunicação, pois diz respeito as interações sociais e permite a ativação das relações humanas entre emissor e receptor, revelando por meio do processo comunicacional aspectos de permanência e continuidade, organização e desenvolvimento das atividades religiosas e profanas da comunidade.

Precede o momento de entrada das dançarinas do lundu a apresentação do santo homenageado, São José, em uma alusão às festas de promessa. Em seguida, a

---

<sup>13</sup> Expedições de captura de escravos fugidos.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

apresentadora chama os personagens que compõe a dança: Catarina, Luzia e seu macaco de estimação. O ponto alto da dança é o lundu, momento que representa o profano desta apresentação, a sensualidade e a ludicidade negra do Trombetas.

Os personagens principais da dança são Catarina, a dona da festa, Luzia, rainha das flores e seu macaco Quatipuru. O objetivo da dança, segundo Zuleide, é mostrar a cultura dos seus antepassados que viviam da agricultura. A dinâmica da apresentação acontece no entorno do mastro, como expressa no verso “jogado” pela apresentadora: “quando olho esse mastro representa a cultura nos lembra dos antepassados que viviam da agricultura”, retratando a celebração em agradecimento pela fartura e boa colheita do quilombo.

Os personagens centrais Catarina, Luzia e o macaco Quatipuru, interagem com o público “botando versos”. O verso que Catarina apresenta é marcado pela afirmação e orgulho de ser negra: “sou negrinha e todos estão me vendo e não é por que sou negra que também não vá vivendo”. Cada personagem tem uma música para sua apresentação, porém, a do macaco é entoada pela rainha das flores: “chegou, chegou o macaco Quatipuru / ele veio de muito longe para dançar o siringandô [lundu] /se eu soubesse que tu vinhas mandava varrer a estrada / pingava, pingo de cheiro, sereno da madrugada”, evidenciando que as festas eram momentos de encontros de amigos e parentes, ou outros, escravos fugidos, que não mediam esforços para chegar ao quilombo.

A dança dos antigos era o Sirigandô, outro nome dado ao lundu, no rio Trombetas. Dançava-se a noite inteira ao som do gambá, o reco-reco, o cavaquinho, e o banjo. Dona Rosa informa que o gambá era o instrumento mais importante, lembrando que se trata de um tambor feito pelos negros: “o gambá era uma caixa grande de [tronco da árvore de] arapari. Num conheci arapari?, é um pau que por dentro ele é brocado, cavava até ficar como queriam”. Depois pegavam o couro do veado e fechava as extremidades, era o principal instrumento nas festas do quilombo, afinal “no gambá sai tudo”, principalmente o lundu.

Vicente Salles (2004), em seu livro “O negro na formação da sociedade paraense”, ressalta que o lundu é a mais antiga expressão lúdica negra documentada na



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Amazônia. Neste sentido, compreende-se o papel da dança Catisiringandô na comunidade de Boa Vista como fenômeno folkcomunicação importante na comunicação dos modos de vida e das vivências desse grupo social, na compreensão de como foram vividos os tempos da escravidão, fuga e cotidiano dos seus antepassados. Portanto, elo entre passado, presente e futuro, realimentando a identidade quilombola.

Salvaguardar o passado quilombola por meio da dança está diretamente ligado ao fazer presente dessa comunidade, quando a produção social dessas memórias se articula como elemento constitutivo da construção da identidade social e cultural do grupo sobre as tradições dos seus antepassados que construíram sua liberdade nos mocambos espalhados pela região.

As crianças também participam dessa construção. Conta Diandra que “hoje todas as crianças conhecem um pouco da história dos antigos” e de suas danças. No ano de 2014, ficou responsável a narradora por ensinar “os pequenos a dançar o carimbó, para apresentação na noite cultural, no círio da comunidade”, encantando com esse seu trabalho os visitantes presentes na comunidade, entre eles antropólogos, fotógrafos, moradores de Porto Trombetas e de outras comunidades quilombolas.

### **Considerações finais**

A festa de São José representa para a comunidade de Boa Vista a oportunidade para a celebração e comunicação de valores culturais deixados por seus antepassados ou mesmo outros aqui criados. Valores estes transmitidos por processos comunicacionais presente no ritual da festa, oportunizando a recriação e reafirmação de sua identidade quilombola.

Entretanto, nos relatos de homens e mulheres da comunidade de Boa Vista, percebe-se a existência de conflito de gerações entre os mais velhos e os jovens, uma vez que estes convivem com a introdução de novos elementos no seu cotidiano. Trigueiro (2005) observa que o processo folkcomunicação se estabelece de maneira dinâmica onde, no atual contexto inerente a globalização, é inevitável a incorporação de novos elementos externos as manifestações culturais, possibilitando a reinvenção de suas expressões culturais.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Dona Zuleide afirma que o desinteresse dos jovens sobre o passado, suas manifestações culturais e religiosas, é, sobretudo, por sua proximidade de Porto Trombetas, onde a maioria dos jovens trabalha ou estuda. Neste caso, o conflito está na negociação entre o grupo daquilo que muda e o que permanece como tradição, entendida essa, neste trabalho, não como algo imóvel ou estático, mas como “processo ativo”, onde certos significados e práticas são realçados e outros, no entanto, são negligenciados, elegendo os elementos que farão parte do “processo de identificação social e cultural” do grupo (WILLIAMS, 1979, p. 118-119).

Portanto, compreender os processos Folkcomunicacionais presentes na festa em homenagem a São José da comunidade quilombola de Boa Vista pressupõe “mergulhar” nas lembranças de homens e mulheres, para perceber, por meio de suas memórias, como se articulam para manter suas práticas culturais e religiosas, evidenciando mudanças e permanências. Porém, mantendo viva, mesmo reelaboradas, a cultura e a tradição sobre os seus antepassados, transmitidas aos membros do grupo pela oralidade e “noite cultural”.

### Fontes Orais

- Diandra Viana**, 21 anos, comunidade quilombola de Boa Vista, Alto Trombetas, 23 set. 2014.  
**José dos Santos**, 72 anos, comunidade quilombola de Boa Vista, Alto Trombetas, 16 nov. 2013.  
**Leonel Colé**, 62 anos, comunidade da Tapagem, 31 out. 2013  
**Marina dos Santos**, 65 anos, comunidade de Boa Vista, Alto Trombetas, 29 out. 2013.  
**Rosa Colé**, 85 anos, comunidade do Abui, Alto Trombetas, 31 out. 2013.  
**Silvio Rocha**, 46 anos, coordenador da comunidade de Boa Vista, Alto Trombetas, em 29 out. 2013.  
**Zuleide Viana dos Santos**, 58 anos, comunidade de Boa Vista, Alto Trombetas, em 29 out. 2013.

### Referências Bibliográficas

- ANDREDE, Fabiane da Silva. **Abre alas, minha gente! Festa, cultura e religiosidade popular no Terno de Reis Humildes da Alegria – 1966 a 1993**. UNEB (dissertação de Mestrado), 2009.  
ARCHANJO, E. C. O. F. **ORIXIMINÁ TERRA DE NEGROS: TRABALHO, CULTURA E LUTA DE QUILOMBOLAS DE BOA VISTA (1980-2013)**. Dissertação de Mestrado. UFAM- Manaus, 2015.

Quilombos de Oriximiná (Pará – Brasil): escravidão, fuga e memória no século XIX. **Revista. História**. UEG - Anápolis, v.3, n.2, p. 52-70, jul./dez. 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

- \_\_\_\_\_. **Comunicação e Folclore:** Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- \_\_\_\_\_. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. (Org.) **Carnavais e outras f[r]estas:** ensaios de história social da cultura. Campinas: Ed. da Unicamp, CECULT, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins fontes. 1992.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia.** Belém: NAEA/UFPA, 1999.
- FUNES, Eurípedes A. “Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor” – história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 1995.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens:** um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: Os santos e o catolicismo popular. **Norte Ciência**, vol. 2, n.1, p,1-26. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Padres, Pajés, Santos e Festas:** catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.
- MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e classes subalternas.** São Paulo: Cortez, 1980, p.111-14.
- MARIN, R. & CASTRO, E. **Negros de Trombetas:** guardiões de matas e rios. 2. ed. Belém: Cejup/UFPA-NAEA, 1998.
- MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna.** São Paulo: Hedra, 2005.
- KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes. et al. (Org.). **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olho D’ Água, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História. São Paulo. (15). Abril. 1997.
- PINTO, Walter. **1932: a Revolução Constitucionalista no Baixo Amazonas:** contexto, revolta e produção do silêncio. Belém: Editora Paka-tatu, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Memórias de uma revolta esquecida:** o Baixo-Amazonas na Revolução constitucionalista de 1932. Dissertação de Mestrado. UFPA-Belém, 2012.
- SALLES, Vicente. **O negro na formação da Sociedade Paraense.** Belém: Paka-Tatu, 2004.
- TITULO DE RECONHECIMENTO DE DOMÍNIO que a União e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA outorga à associação da comunidade de remanescente de Quilombo de Boa Vista – ACRQBV. Brasília – DF, 20 de novembro de 1995.
- TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos.** In Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. Brasília, 2005.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.